

2.

Faltava apenas o prefeito Demóstenes Almeida quando o indicado Ivonildo Cruz chegou à casa de Paolo Iribar naquela noite, acompanhado por Bruno Mauro, Sérgio Novaes e Pedro Moca. Os homens ali presentes conversavam. Duas mulheres, apresentadas como secretárias particulares de Iribar, uma aloirada baixinha, e do deputado Manoel Pinto, uma mestiça de meia-idade e olhar curioso, apenas acompanhavam a conversa quando os recém-chegados adentraram a sala, seguindo um mordomo que os recebera na porta. O raciocínio de Iribar foi interrompido nesse momento, quando então Aurélio Pessoa, o ex-governador, levantou-se e foi dar um abraço em Ivonildo Cruz, como vai, meu caro, tudo bem, mas agora vai ficar ainda melhor, pois é verdade, meu futuro prefeito da capital baiana, tomemos todos assentos e prossigamos a conversação. Antes mesmo dos oito minutos a completar, Almeida chegou com dois secretários e três vereadores de sua base. Desculpou-se pelo atraso. Informou que se devia ao fato de ter tido de administrar uma crise que ameaçava a administração. Teve de tomar uma decisão radical contra a ameaça de *lockout* feita pelo pequeno grupo de empresários que opera o sistema de transporte coletivo do município, assinando um decreto-lei que abria a possibilidade de se publicar, dali a 48 horas, um edital de concorrência pública nacional para exploração de todas as linhas de ônibus em funcionamento em Salvador. Antes disso, poderia até enviar à Câmara Municipal uma proposta de desapropriação temporária do controle das empresas.

- Tome um uísque, meu caro prefeito, e manda esses empresários tomarem no cu – recomendou Paolo Iribar, já enchendo um copo para a autoridade municipal.

- Porra, Paolo! – acedeu Almeida, pegando o copo cheio de gelo com uísque e já sorvendo um gole -, mas você me fodeu com a matéria veiculada esta noite em seu telejornal. Já basta a mídia dos nossos inimigos!

- Fodeu porra nenhuma! Relaxa – contornou rindo o basco filho da puta, como assim pensava o prefeito sobre ele. - O nosso jornalismo não pode negar os fatos, mesmo você sendo nosso aliado. Até para que depois eu possa sair em defesa da boa administração que você tem feito na cidade.

Iribar, que tinha uma enorme cabeça bastante assemelhada a um ovo gigante de avestruz, cabeça esta já quase toda calva, mas com alguns insistentes fios de cabelos brancos nas laterais ao redor das orelhas vermelhas, falava um português já quase sem sotaque espanhol. A nacionalidade espanhola, inclusive, ele rejeitava. Era de uma nova geração de imigrantes, não dos galegos que formavam a maior comunidade emigrada para a Bahia desde o tempo em que o diabo perdeu as botas. Tinha o quê? 1 metro e 50, um e sessenta de altura – não mais -, uns 90 quilos, uma barriga que soltava adiante das pregas dos botões da camisa social listrada, contrariando a retidão da gravata vermelha, um rosto vincado por erupções na pele crespa e irritadiça que o incomodava desde a adolescência, lábios grossos, nariz pequeno, olhos de raposa. Sua voz saía como se o som antes de se propagar no ar da sala tivesse sido distorcido por uma lâmina de serralheiro.

- Bruno, de quem foi a idéia de dizer que a Prefeitura não toma providências contra as ameaças daqueles filhos da puta? – quis saber o prefeito, enquanto bebia.

- Já verifiquei isto na redação, fique tranquilo -, entrevistou Bruno Mauro. – Foi coisa da inexperiência da repórter. Amanhã como o rabo dela.

Bruno Mauro acrescentou que “o Chefão”, isto é, o dono da emissora ali presente, já lhe determinara minutos antes por telefone providências no sentido de reparar algum dano que por ventura a matéria viesse provocar na imagem do prefeito Almeida.

- Mas será que você não vê que não é tanto por sua televisão? – indagou o prefeito.

Sim, sabichão, pensava Paolo Iribar, reparando na aflição dissimulada do dono da maioria de votos dos convencionais do partido. Esse senhorzinho tinha de oferecer daqui a pouco algum tipo de vantagem para sacramentar o apoio que estou disposto a

dar, nesse primeiro momento, a suas pretensões futuras de querer se tornar forte o suficiente, a partir da eleição de seu indicado, esse professor universitário nada fácil de carregar, aqui presente, visando habilitar-se ao Senado da república dentro de dois anos. Pensou que pode jogar livre, leve e solto? Não é assim não, meu amigo. E o meu, nessa história? Como dizem vocês, comigo é uma no ferro e outra na ferradura. Já sei que a minha emissora, das quatro locais, é a terceira em audiência, que os meus canais de rádio, mesmo não sendo essa Coca-cola toda têm público fiel - e daí? Daí que ao menos são meus. E se são meus, deles faço uso nessa hora como melhor me aprouver. Por que não? Escutemo-lo, o prefeito que se acha sabidinho:

- O meu problema é com a campanha injusta feita pelos nossos adversários. E isso atinge a todos nós, se queremos ganhar as eleições daqui a três meses.

- Demóstenes tem razão – ajuntou o dono da agência de publicidade. – Nosso problema é com o uso que Cid Kohen deve fazer dos problemas enfrentados pela Prefeitura neste momento. Ele vai bater pesado, com o apoio do canal de TV de maior audiência do Estado e de todos os jornais mais importantes.

- Sei bem o que é isso -, garantiu Aurélio Pessoa. Em sua lembrança vieram alguns episódios que considerava como “uma trama difamatória dos inimigos sem escrúpulos”, que usam a mídia “para *denegrir* reputações”, ocorridos no período em que foi governador do Estado. Falou, falou, falou, mas pouco disse para o interesse particular de Demóstenes Almeida. Foi servido mais uísque. Todos na sala bebiam, exceção das duas senhoras e de Ivonildo Cruz, que se espera seja o núcleo das atenções nessa noite. De fato, o tema central da reunião foi se aproximando com o passar do tempo, depois das argumentações de vários matizes a favor de um enfoque “mais positivo” a ser oficialmente adotado, de agora em diante e até três semanas depois do resultado eleitoral, pelas emissoras de Paolo Iribar em relação à administração Demóstenes Almeida.

- Bota o prefeito amanhã nos seus dois programas, de rádio e TV, ao vivo – ordenou o Patrão, se dirigindo a Pedro Moca.

- Certo, Patrão – anotou o radialista. – Além de dar um pau nos empresários, abrindo linha para a participação dos ouvintes e espectadores se queixarem do péssimo serviço, o senhor prefeito pode anunciar algum plano de melhoria do sistema.

- Não tem problema – concordou Almeida. – Vou declarar o seguinte: se esse pessoal aqui não assumir comigo, em contrato, o compromisso de renovação de ao menos 30% da frota de ônibus nos próximos três anos, vou cancelar concessões e permitir a participação de empresários de outros Estados.

- Podemos rapidinho montar uma campanha publicitária falando do tema – sugeriu Sérgio Novaes. – Qual é mesmo a dimensão do setor?

- São em torno de 450 linhas em todo o município – respondeu o prefeito. – 50 milhões de passageiros transportados ao mês, o que dá mensalmente um faturamento de 120 milhões de reais, regateados pelas doze empresas em operação. Dessas doze, seis estão concentradas nas mãos de gente da mesma família, que inclusive dirige o sindicato dos proprietários. Estão todos milionários.

- Qual é a situação da frota, hoje? – quis saber Ivonildo Cruz.

- A média de idade é de oito anos. Mas há também muita sucata trafegando. É por conta das exigências que tenho feito que eles resolveram endurecer. Mas vão à merda! Vamos com tudo para cima deles a partir de amanhã. Tive uma reunião no final desta tarde com as lideranças dos partidos na Câmara. Os vereadores estão divididos. Cid Kohen avançou e hoje tem quase a metade deles no bolso. Comprou todo mundo! Quer nos prejudicar, o sacana, para assim fazer o discurso de defesa da população, jogando-a contra mim. Estamos com a metade deles, o que nos ajuda, mas não sei até quando.

- Acho que você tem de usar mais a caneta – aconselhou Iribar. - De minha parte, orientei meu pessoal na Câmara a fechar com você.

- Em 48 horas entrego a você um projeto de campanha pronto, em defesa da melhoria do transporte público -, definiu o sócio da SNDA. Vai custar o mínimo possível, mas será eficiente aos nossos propósitos.

O deputado Manoel Pinto solicitou ao prefeito que lhe encaminhasse, logo cedo, na parte da manhã, dados sobre o sistema de ônibus. Iria conversar com o governador ainda esta noite e colocá-lo a par de toda a situação para que, na sessão legislativa da tarde do dia seguinte, pudesse usar a tribuna e fazer um pronunciamento em defesa da população de Salvador, ameaçada pelo *lockout* dos empresários gananciosos.

- E a oposição sindical, como tem se comportado? – quis saber Ivonildo Cruz, atraindo os olhares de todos os presentes.

- O que? – Demóstenes Almeida não entendeu a pergunta. – O que sei é que a diretoria do sindicato dos motoristas e cobradores está sob o controle de Kohen.

- Então, é preciso fechar um acordo com a oposição do sindicato – sugeriu Ivonildo, fechando o raciocínio.

Era uma grata surpresa. Então ele tem astúcia?

Muito bem, senhores.

Criou-se uma nova atmosfera na gestão da pequena crise a ser explorada pela oposição ao prefeito e a mídia a seu serviço, principalmente aquela alinhada com o candidato adversário já em campanha, o ex-prefeito Cid Kohen, tentemos dar ordem às pretensões que aqui nos trouxeram. Algumas pendências de tributos municipais envolvendo não somente as empresas do nosso querido aliado basco, mas mesmo assuntos de semelhantes teor e gênero que estavam aporrinhando parentes, amigos e pessoas próximas a ele, seriam contornados a partir de gestões a serem executadas pelos dois secretários municipais trazidos à reunião, Chico Delorme e Lino Rodrigues, que imediatamente registraram essa decisão do prefeito, assim de supetão tomada.

- Veja também o que podemos fazer para aumentar o volume de publicidade da Prefeitura na TV Água Brusca e nas rádios – aconselhou Almeida aos dois auxiliares solícitos, que se adiantaram a garantir:

- Não vemos problema algum, nesse *quesito*.

- Pelo menos, em princípio – regateou, indeciso, Delorme, logo fulminado pelo olhar de lince em sua direção. Sua situação ficou ainda mais vexaminosa porque nem bem concluiu a frase seu celular tocou alto, obrigando-o a procurar em que bolso ou parte do bolso da calça ou do blazer estava aquele aparelhinho de barulho intermitentemente incomodativo. De certa maneira foi bom que isso ocorresse, porque todos os demais, sem exceção alguma, inclusive as mulheres, se certificaram nessa hora que os seus celulares ou estavam na função silenciosa ou naquela outra, a *vibracall*, alguns inclusive já anunciando chamadas perdidas. Os aparelhos que ousaram assim não estar até então, tiveram as funções atualizadas por seus portadores.

- Sim, senhores, passemos agora ao que interessa, à principal razão dessa reunião – determinou Iribar, uma hora depois do primeiro uísque servido ao já agora mais calmo Demóstenes Almeida. – Ivonildo, qual a sua disponibilidade e disposição de ser o nosso candidato à Prefeitura?

Ivonildo Cruz, que nascera, tinha passado parte da infância e toda a adolescência na favela do Iraque, tornara-se não apenas um devoto, mas praticante de uma das várias religiões definitivamente originárias de uma parte da África, o candomblé nagô dos iorubas. Por razão de crença e postura filosófica, estava convencido do seguinte: para além dos livros lidos, das músicas clássicas ouvidas e de todos os mestres professores aturados, com ou sem satisfação, nessa ou naquela escola e faculdades, para além da vida tangível sobressaía a vontade dos orixás. Quando respondeu à pergunta do empresário anfitrião, o fez com essa convicção. Embora seguindo, também, o receituário combinado com Demóstenes Almeida nas suas conversas privadas mantidas com intensidade nas últimas semanas.

- Totais – foi a resposta.

Todos se entreolharam, satisfeitos. No mesmo exato instante, algum desajeitado tropeçou na bandeja de bebidas e um copo espatifou-se no piso, atraindo os serviços de limpeza. Ivonildo viu nisso algum sinal de reforço à sua crença. Outro fenómeno: o ex-governador desculpou-se, pediu licença e se retirou em silêncio. Precisava usar rapidamente o sanitário, por conta do seu problema na próstata. Foi, mas pouco perdeu da conversa. Ao voltar, Ivonildo era quem falava.

- Estou bastante lisonjeado e agradecido pela confiança que depositam em mim. Creiam-me, não os desapontarei. Se acaso houver consenso em torno de meu nome por todas as forças políticas aqui representadas, as principais do meu Estado, estejam certos que abraço esse sacrifício como o mais importante dos desafios que já enfrentei na vida.

Quem falava era um sujeito que veio de baixo, da favela, e se tornara uma figura importante para a vida intelectual e - por que não? - para a vida política desse Estado e dessa cidade antes descrita nos livros de Jorge Amado como “Cidade da Bahia”. Aliás, uma das denominações originais da primeira capital do Brasil, fundada pelos portugueses no longínquo 1549. Num sábado, 29 de março daquele ano, o vedor da Casa Real de dom João III, Tomé de Sousa, e a sua expedição de três naus adentraram a acolhedora baía atlântica, trazendo colonos, degredados, padres e irmãos da Companhia

de Jesus, esses sob o comando de Manoel da Nóbrega. A São Salvador da Bahia de Todos os Santos é uma cidade que nasceu como de improviso, para abrigar o governo-geral do maior feito das navegações portuguesas. Era preciso defender a conquista, na fase evolutiva do Estado real monárquico extremamente centralizador. Foi fundada dessa maneira, quase sem planejamento algum, uma fortaleza natural no descambado de uma falha geológica, por sobre encostas de 90°. Assim permaneceria por séculos. Agora quando Ivonildo Cruz aceita “o sacrifício” de disputar as eleições para o seu comando político-administrativo, quase 500 anos depois, tem 3 milhões de habitantes e uma pobreza pornográfica. Em situações assim, o comando é menos político que administrativo – se for possível administrar, se é que você, leitor, dimensiona a tragédia.

O anfitrião de olhar de lince bebia água, oferecida em bandeja a todos pelo mordomo, limpo o assoalho. Escutavam aquele lídimo representante das oportunidades de mobilização social existentes nesse feito lusitano do lado de cá do Atlântico sul. Era nisso que pensava o deputado Manoel Pinto, ele mesmo de ancestral alentejano, como documentado na árvore genealógica da família, ainda em construção. Essa potência, o Brasil, é o país de maior mobilidade social do planeta, costumava argumentar o deputado toda vez que tinha de esgrimir-se contra contendores que mal dissimulam seu complexo de inferioridade nacional. O povo brasileiro, concluíra ele há tempos, tinha como seu principal esporte, depois do futebol, falar mal de si mesmo e dessa maravilhosa obra dos portugueses nos trópicos. Contudo, os fatos contrariavam a tendência negativista dos críticos. Havia vários, dezenas, centenas, milhares de exemplos na sociedade a comprovar o dado cristalino de que o Brasil é o país das oportuniades iguais para todos. Por aqui, os que hoje vivem estão em melhor situação econômico-social que seus pais, que estavam melhores que seus avós e, por sua vez, os nossos filhos certamente viverão em situação muito melhor do que a que hoje vivemos. Eis aí nos falando um ex-favelado, bem-vestido, de paletó e gravata impecáveis, sapatos pretos lustrosos, cabelos em carapinha, cuidadosamente cortados, gestos civilizados que fazem lembrar um *lord* inglês. Tudo o que se espera em um *gentleman*, nas maneiras e no falar, ele encarna. Este é um herói real que venceu na vida, superou as adversidades, tornou-se importante, requisitado economista, professor e intelectual. É um vitorioso, por conta própria – o que faz de sua vitória um exemplo lapidar a ser difundido. Dir-se-ia ser um preto, um africano, mas isso não é. Se o for, seu comportamento é de um homem de alma branca. Daqui a pouco, se conseguirmos aliar em torno de seu nome

todas as forças políticas que apóiam o governador Virgílio Pimenta, embora particularmente penso uma tarefa hercúlea, estará governando este gracioso município.

- A única condição que recomendo como princípio desse aceite, é que marchemos juntos e unidos. Por isso, ao dizer *sim* à obrigação aqui me apresentada, preciso saber antes qual a posição oficial do governador do Estado, de quem também espero o apoio *irrejeitável*.

Ivonildo Cruz, ao terminar de pronunciar “irrejeitável” imediatamente pôs em dúvida a existência de tal vocábulo, o que o deixou levemente inseguro para continuar. Porém, rapidamente se recompôs. Mesmo porque, notou pelos olhares e expressões de satisfação de sua pequena platéia, existisse ou não a palavra essa gente estava se lixando para o léxico. Todos queriam era encontrar um jeito de viabilizar o acesso ao poder ou a sua manutenção nas mãos do grupo. Às favas a gramática!

- Sem saber a posição pessoal e íntima do governador, acho temerário anunciar... para quando mesmo, Sérgio?

- Bem – atendeu o dono da SNDA -, pelo cronograma combinado ontem, o anúncio seria feito ainda esta noite. Temos dois jornalistas esperando minha ligação até as onze, a tempo de colocar na edição do jornal de amanhã.

- Manoel com a palavra – ofereceu Iribar.

É regra geral que a política faz bem ao estômago. O sujeito, Iribar, com o IMC estourado além da conta, peidou silenciosamente. Ao perceber-se flagrado por quem estava ao lado, em sua poltrona, depositou o copo de uísque na mesinha, pegou o copo com água e bebeu todo o conteúdo até a última gota. Se o disfarce colou ou não, vai saber!

Manoel Pinto, líder do governo, casado com a filha mais velha do governador Virgílio Pimenta, ao qual oficialmente representava nesta reunião, atendeu à convocação do basco. Disse que o seu sogro, a quem chamava de “Doutor Virgílio”, como 90% dos correligionários do governador, que não era doutor coisíssima alguma, mas isso é uma outra história, disse que o Doutor Virgílio estava, sim, disposto, propenso, tendente, inclinado a referendar a articulação em torno do nome do professor Ivonildo Cruz à Prefeitura da capital baiana. O deputado Manoel Pinto, como todos ali presentes, sabia que Ivonildo Cruz, este sim, tinha o título de Doutor legalmente concedido, com láurea e honrarias, pela Faculdade de Economia e Administração da

USP, mas quem ligava para essas coisas? Ivonildo Cruz, aos 56, podia se dar por satisfeito em já ser nomeado de professor. Isso, no ambiente cultural da hierárquica e conservadora sociedade baiana, era suficientemente inusitado. Bastava-lhe, a se avaliar o pensamento de todos os que ali se achavam em torno do economista famoso e bem barbeado.

- O governador está reticente apenas quanto ao ritmo dado às negociações. Preferiria aguardar algumas semanas mais antes de decidirmos pelo anúncio oficial do nome do nosso candidato.

- Não, não, não! Não temos mais tempo a perder com essas dúvidas e indecisões de Virgílio – gritou, do espaço em que pousava as nádegas no tampo de mármore da mesa central da sala, o anfitrião de olhar de lince.

- O governador se equivoca com esse retardo – acrescentou o prefeito. – Enquanto aguardamos o tempo bom, que aqui que virá, ói! (e fez um gesto obsceno), Cid Kohen já está com o seu nome nas ruas, espalhado até por *outdoors*, há mais de um ano e meio, ganhando ibope e espaço na cabeça do povo.

- Nada de esperar nem um minuto a mais – falou em tom peremptório o Patrão, o Chefão, o Doutor Paolo Iribar. – Tem como localizar o governador agora?

- Como sabemos, ele está em uma reunião de governadores em São Paulo – respondeu o deputado. – Posso ligar, porque ele me autorizou fazer isso, se surgisse algum problema.

- Ligue, então! – ordenou Iribar, se deslocando, copo numa mão e salgadinhos numa outra, para o balde de gelo que se encontrava do outro lado da mesa. Manoel Pinto atendeu imediatamente. – E qual estratégia podemos traçar para a candidatura? Sérgio, quero ouvir a sua opinião.

- O nome dele deve ser a novidade na campanha majoritária. Por tudo o que ele representa. Por sua cor, por sua origem e pelo seu êxito profissional irretocável. Vamos bolar imediatamente um slogan, uma palavra de ordem que agregue a esperança no futuro e sua tenacidade de vencer os desafios. Esse deve ser o discurso.

- O que acha, professor?

Sérgio Novaes interrompeu:

- A partir de agora, vamos vender uma imagem de coloquialidade em torno do seu nome. “Ivonildo Cruz é forte”. Vamos manter. “Professor” somente quando for conveniente. Você é povão.

- Acho bom, não tenho nada contra. Sempre fui um homem autêntico. Nada tenho a esconder. A minha candidatura, se aprovada por todos aqui, será a candidatura do pobre, do humilde, contra a dos poderosos, representada por Cid Kohen. Hoje ele lidera as pesquisas de opinião. Vamos ver quando o nosso nome for para as ruas sacudir todos os cantos da cidade, a periferia, os estudantes, os jornais. Os poderosos que tremam diante de nós. Kohen é o candidato das elites. Já eu, como bisneto de escravos, o que represento? A nossa candidatura será a candidatura do tostão contra o milhão.

O ex-governador, cuja cara delgada pelos seus quase 80 anos de idade passou de uma expressão de contentamento para preocupação em lapsos de segundos, também quis falar.

- Não acho que devemos explorar esse viés de bisneto de escravos e de ricos e pobres. Acho melhor ressaltar tão-somente as suas qualidades de homem pertinaz, que persegue seus objetivos e os conquista de forma honrada e honesta. Basta falar de sua vida, de simples favelado do Iraque, aos bancos da universidade, como um dos maiores economistas que o nosso Estado já deu.

- O governador?! – sobressaiu a voz de Manoel Pinto, falando ao celular. Os demais silenciaram, ou baixaram a voz. As duas mulheres, que tudo acompanhavam sem dar um pio, perguntaram em sussurro ao mordomo que transitava recolhendo e trocando copos e bebidas onde ficava “a toaleta”. O mordomo, um sujeito cuja discrição beirava a invisibilidade, murmurou qualquer informação e logo as duas mulheres o acompanharam até um desvão, para além da sala. – Ele vai atender – segredou o deputado, dando cabo à curiosidade dos demais que não tiravam o olho de si. – Boa noite, Doutor Virgílio! Como está São Paulo? Como vai a reunião por aí?

Foram quase cinco minutos de circunlóquio, até que o deputado entrou no cerne da questão com o governador distante mais de dois mil quilômetros. Então, Manoel Pinto se afastou da sala, seguindo para uma das portas que dava para o bem-cuidado jardim da chácara do empresário basco, sem tirar o aparelhinho do ouvido, ofegante como era praxe em sua dimensão corpórea. Ouviam-se palavras soltas, “de acordo”, “preocupados”, “campanha do adversário”, “reciprocidade eleitoral”, “para esta noite

ainda” etc. Sérgio Novaes aproveitou o intervalo para convocar todos ao entorno da grande mesa, lisa sem nada sobre. De um grosso envelope com a logomarca SNDA policromada, impressa em destaque sobre a cor branca, retirou uma brochura de umas sessenta páginas. Era a recente pesquisa que encomendara ao Ibope sobre a sucessão municipal, com ênfase também no peso do governo do Estado e na influência mesma do governador Virgílio Pimenta perante o eleitorado. A brochura passou rapidamente de mãos em mãos. Cada qual meneava a cabeça e comentava algo, até chegar ao último a sondar os dados, o radialista Pedro Moca. Ele somente quis ler os quadros mais simples de resultados. Nem bem tinha terminado o seu comentário lamentando o baixo índice de aprovação do governador e de seu governo, Manoel Pinto retornou juntando-se à turma.

- Pode abrir o champanhe! Doutor Virgílio referenda a nossa decisão!

Os assessores, assistentes e secretárias não contiveram os gritinhos de urra! urra! urra!

Os senhores da situação correram a cumprimentar Ivonildo Cruz. O anfitrião retardou-se um pouco, em seus cálculos. Convocou com a sineta o discretíssimo mordomo, ordenando-lhe que trouxesse de sua adega privativa duas das garrafas de “Dom Pérignon” ali refrigeradas e uma bandeja de frios. O que prestamente foi atendido, com a ajuda de duas outras empregadas domésticas uniformizadas. Essas tinham a pele escura e, ao entrarem e verem um igual sendo cumprimentado, olharam para Ivonildo Cruz com cara de curiosidade, admiração e, ao fim, respeito – nessa ordem.

- Deixe-me ligar pros caras nos jornais – informou Sérgio Novaes, olhando as horas na parede. Ditou aos jornalistas o que lhe interessava e, findo o rápido telefonema, retornou aos demais.

Sem perda de tempo, passaram a discutir as linhas gerais da estratégia de campanha, assegurando-se com o prefeito Demóstenes Almeida sobre os votos dos delegados do partido e do arco de alianças a ser buscado com outras siglas, mesmo as nanicas. Ainda que eleitoralmente pífios, os micro-partidos serviam prestativamente a muitas tarefas úteis aos maiores, que nem sempre podiam aparecer. Uma das preocupações emergenciais era montar a equipe de produção do projeto de campanha. Era bom redigir uma “Carta aos Baianos” com as linhas gerais da candidatura. E bolar toda a propaganda eleitoral, a ser veiculada nos diversos meios e veículos de

comunicação, massivos e segmentados. Como a SNDA tinha vasta experiência no ramo, Iribar e Almeida passaram a Sérgio Novaes todas as responsabilidades inerentes. Exigiram apenas que o nome de quem fosse coordenar o marketing político do candidato fosse submetido à consulta deles para aprovação. Sérgio, então, começou a citar alguns nomes, que foram analisados ali mesmo. Cerca de quinze minutos nesse exercício, fixaram-se em um. Quando mencionado, não sofreu restrições de absolutamente ninguém na sala.

- Pê-Ésse: Phillipe Schwanberg!

- PS? Excelente!- vibrou Almeida. – Não importa quanto ele peça, é o profissional certo. Ele está em São Paulo, não é mesmo? – Almeida quis saber.

- Tem como contatá-lo agora? – perguntou Iribar.

Sérgio Novaes telefonou de chofre para sua secretária particular, Eneida, a essa hora em Recife representando a SNDA em solenidade de lançamento de um projeto cultural de um banco de investimentos. A alcançou e pediu que tentasse localizar PS, Phillipe Schwanberg. Explicou em rápidas linhas do que se tratava e da urgência da tarefa.

- Pra quando é isso? – quis saber, do outro lado da linha, Eneida.

- Pra já – respondeu Novaes.

- Onde vou encontrar PS agora?!

- Sei lá, Eneida: se vira! Quero PS aqui em Salvador já neste final de semana.

Minutos depois Eneida ligou de volta, informando que o celular de PS estava desligado. Deixou recado em três secretárias eletrônicas distintas, incluindo sua caixa de voz. Em todo caso, passou a Sérgio Novaes os três números de telefone e desejou boa sorte.

- Ok. Eu mesmo falo com ele amanhã cedo – decidiu, informando o fato aos presentes na sala. – Se conseguirmos fechar com PS, isso vai ser uma baita surpresa para a turma de Kohen. Vão ficar emputecidos! A vantagem de trazer PS é que, além de marketeiro de primeira linha, ele vai jogar com a psicologia do nosso adversário. Os dois são de cepa parecida.

- Estratégia perfeita! – vibrou Iribar. – Phillippe Schwanberg é o gênio do marketing de que estamos precisando para confrontar o esquema eleitoral montado por Cid Kohen. É de uma reputação profissional a toda prova. Já transformou múmias em heróis vencedores em campanhas difíceis. Ter ele é um trunfo. E acho que não deveríamos nos importar com o custo de tê-lo conosco, já que, com a vitória, todas as despesas de agora poderão ser debatidas.

- *Habemus* um nome consensual à minha sucessão! – soltou o prefeito Almeida. – E quanto ao vice na chapa?

Todos menearam a cabeça, pensativos.

- Coloca o meu cardiologista – sugeriu Iribar.

- Quem?! – sorriu o deputado Manoel Pinto. – Seu cardiologista?

- O médico? – perguntou o ex-governador Aurélio Pessoa. – Você está brincando, Paolo?

Iribar não estava para brincadeira.

- Sim: Romeu Vanucchi, meu cardiologista. Vamos colocá-lo como vice de Ivonildo na chapa. Ele já foi prefeito.

- Por dois meses apenas – lembrou o ex-governador. – E isso faz um montão de tempo! Ele se afastou da política há mais de uma década.

- Vanucchi está afastado da política faz muitos, muitos anos – ponderou Almeida.

- Não vejo em que isso seja ruim – disse o Patrão. – É até bom. Com ele na chapa temos uma vantagem adicional: a experiência de gestão que ele traz, como prefeito-tampão que foi, no tempo do regime militar, mesmo por dois meses. E fez um excelente trabalho, elogiado pelo maior jornal da Bahia à época. Então, o que me dizem?

Todos sabiam que Iribar tomara já a sua decisão e que seria perda de tempo tentar demovê-lo.

- Você nos pegou de surpresa – confessou Pessoa. – Não posso deixar de admitir que é uma solução inteligente.

- Também acho – concordou o deputado. – Creio que o governador Virgílio não oporá resistências.

- Mas Vanucchi aceitaria? – questionou o prefeito.

- Deixe comigo, eu o convenço da importância da missão – disse Paolo Iribar. – O que tem a dizer, candidato?

- Se todos estão de acordo...

A reunião terminou faltando quinze para meia-noite. Dispersos os participantes, depois disso cada um deu prosseguimento a seus afazeres, alguns inclusive entrando pela madrugada. Ivonildo Cruz aguardou um pouco para ir-se embora em seu próprio carro, não mais de carona. Alguns minutos e um dos estagiários de seu escritório de consultoria, Miguelzinho, fez a gentileza de vir buscá-lo ao volante. Não seguiu imediatamente para os braços de sua mulher, em casa. Decidiu ir jantar com o estagiário no “Pereira”, restaurante *nouvelle cuisine* metido a besta, mas de adega decente, próximo ao Farol da Barra, de onde se via a lua. Miguelzinho e o futuro candidato a prefeito de Salvador secaram quase duas garrafas de *carmenère* da chilena Casa Silva, enquanto traçavam costeletas de cordeiro gratinadas, servidas com risoto misto de camarão e polvo. Os dois, discretos, apreciavam estar juntos, a sós. Para a troca de confidências, talvez, em momentos como esse, depois de dia tão estressante...

*